

RESENHA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO “A BOA NOVA TAMBÉM É PARA MIM”: NOVOS SENTIDOS SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES NO PROJETO APRISCO

REVIEW OF THE MASTER'S THESIS: “THE GOOD NEWS IS ALSO FOR ME”: NEW MEANINGS ABOUT HOMOSEXUALITIES IN THE APRISCO PROJECT

Jean Pablo Guimarães Rossi

<psijeanpablo@gmail.com>

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil

Professor na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Campo Mourão, PR, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8403751902893496>

<https://orcid.org/0000-0002-5263-7703>

Eliane Rose Maio

<elianerosemaio@yahoo.com.br>

Doutora em Educação Escolar, pela UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil

Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9562371036022440>

<https://orcid.org/0000-0002-9280-9864>

RESUMO

Este texto trata-se de uma resenha da dissertação de mestrado intitulada “A boa nova também é para mim’: novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco”, de autoria de Alessandra dos Reis de Souza, defendida e publicada no ano de 2020 pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná, que é, certamente, uma pertinente contribuição para os estudos que tangenciam questões de gênero, sexualidade e religião em espaços sagrados. O objetivo da autora foi analisar os relatos de oito jovens homossexuais, participantes da comunidade católica Fraternidade O Caminho, da cidade de Campo Mourão-PR, a fim de compreender quais as significações que atribuem às suas homossexualidades, frente às participações em um projeto de acolhimento a membros/as homossexuais desta mesma comunidade, intitulado Projeto Aprisco.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Religião; Igreja Católica; Heteronormatividade.

ABSTRACT

This text is a review of the master's thesis entitled "'The good news is also for me': new meanings about homosexuality in Projeto Aprisco", by Alessandra dos Reis de Souza, defended and published in 2020 by the Interdisciplinary Postgraduate Program Society and Development of the State University of Paraná, which is certainly a relevant contribution to studies that touch on issues of gender, sexuality and religion in sacred spaces. The author's objective was to analyze the reports of eight young gay people, participants of the Catholic community Fraternidade O Caminho, in the city of Campo Mourão-PR, to understand what meanings, they attribute to their same-gender relationships, in view of their participation in a welcoming project. to gay members of this same community, entitled Projeto Aprisco.

KEYWORDS: Homosexuality; Religion; Catholic church; Heteronormativity.



1. RESENHA

A dissertação de mestrado intitulada “A boa nova também é para mim’: novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco”, é de autoria de Alessandra dos Reis de Souza, e foi defendida e publicada no ano de 2020 pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná. Certamente, é uma pertinente contribuição para os estudos que tangenciam questões de gênero, sexualidade e religião em espaços sagrados.

O objetivo da autora foi o de analisar os relatos de oito jovens homossexuais, participantes da comunidade católica “Fraternidade O Caminho”, da cidade de Campo Mourão, PR. Sua finalidade era a de compreender quais as significações que atribuem às suas homossexualidades, frente às participações em um projeto de acolhimento a membros/as homossexuais desta mesma comunidade, intitulado: Projeto Aprisco. Para tanto, partindo de uma abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado, tanto com o Padre fundador da comunidade, quanto com os/as jovens participantes do projeto. Estando teoricamente ancorada em uma perspectiva teórica interdisciplinar (MORIN, 2005; NAJMANOVITCH, 2001; RAYNAUT, 2014). A discussão do material empírico foi sistematizada em três eixos de análise que evidenciam as relações dos/das membros/as com a instituição familiar, com a Igreja e, sobretudo, de que modo esta iniciativa, apesar de aprazível aos/as católicos/as homossexuais, também produz agenciamentos sobre a sexualidade dos/das mesmos/as.

Além da seção introdutória e das considerações finais, o corpo da pesquisa está estruturado em três capítulos. Logo na Introdução, a autora se preocupa em oferecer um panorama acerca dos posicionamentos que a Igreja Católica tem apresentado nos últimos anos a respeito da homossexualidade. Como exemplo disto, são apresentados alguns dos discursos proferidos por autoridades eclesiais nos últimos anos, e dentre estes, algumas falas do Papa Francisco (1936 --). Suas falas apontam para o tom um pouco mais acolhedor ou mais sensível a respeito de pessoas homossexuais dentro da Igreja, mas que, ao mesmo tempo, conserva as estruturas heteronormativas da Igreja Católica inalteradas. Apesar de uma mudança bastante lenta, a Igreja



aparenta estar apontando para uma postura que, aos poucos, tem se evidenciado mais suscetível ao diálogo entre religião e homossexualidade.

Um dos fatos que ilustra a afirmação supracitada, é o próprio Projeto Aprisco, investigado pela autora, localizado no município de Campo Mourão, PR, e idealizado pelo padre fundador da comunidade. Foi iniciado no segundo semestre do ano de 2016: “[...] devido à percepção de que a Igreja Católica precisa dialogar com os/as jovens homossexuais, e que há lugar para eles/as dentro do catolicismo” (SOUZA, 2020, p. 20). De antemão, a autora deixa explícita a sua relação com a comunidade católica, da qual justifica que participa ativamente desde 2012, onde já ministrou diversas formações e liderou projetos. Por isso, ela reconhece que sua filiação à comunidade foi um dos fatores fundamentais para obtenção da autorização à investigação de Mestrado e facilidade de acesso aos/às participantes da pesquisa, além de documentos de apoio à compreensão da instituição (documentos institucionais, estatutos, cartas do fundador).

Quanto ao procedimento metodológico, a pesquisadora fez o uso de entrevistas semiestruturadas. Após a devida autorização do fundador da comunidade e a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, foram elaborados dois roteiros, ambos contendo 11 perguntas dispostas nos apêndices da dissertação. O primeiro era específico para entrevistar o padre fundador e responsável pela comunidade, enquanto o segundo roteiro foi destinado às entrevistas com os/as participantes do Projeto Aprisco, jovens entre 22 e 30 anos. As entrevistas foram realizadas no ano de 2018, de forma livre e voluntária, gravadas e transcritas na íntegra para posterior análises dos dados.

Uma vez que a pesquisa de Mestrado foi desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar, a autora também deixa evidente que a perspectiva teórica que perpassa a sua pesquisa, trata-se de um diálogo interdisciplinar. Souza (2020) justifica a adoção de uma postura interdisciplinar ao se pautar nas teorizações de Morin (2005), Najmanovitch (2001) e Raynaut (2014) para argumentar que o ser humano é dotado de multidimensionalidade, ou seja, é biológico, social, cultural, religioso etc. Portanto, uma perspectiva simplificante, que disjunta, reduz e desconsidera os fatores que se influenciam reciprocamente, não dá conta da complexidade que perpassa a existência dos/as sujeitos/as. Dito isto, Souza (2020, p. 19) defende que “a relação entre juventudes, religião e homossexualidades é transpassada por fenômenos multifacetados [...]”;



tendo justamente neste ponto, a argumentativa necessária para a defesa de uma pesquisa sob o viés interdisciplinar. Observa-se que o arsenal teórico da autora navega, sobretudo, entre os conhecimentos da História, Pedagogia, Sociologia e da Psicologia.

Quanto ao Capítulo I, intitulado “Reflexões acerca das juventudes e do catolicismo na contemporaneidade”, a autora se dedica a discutir de que modo religião e pós-modernidade se articulam na produção das identidades, em especial dos/das jovens. Para tanto, este capítulo foi organizado em três tópicos. No primeiro tópico, nomeado “Algumas marcações sobre a noção de religião e juventudes na atualidade”, a autora se apoia nas ideias dos/das sociólogos/as Bauman (2003), Giddens (2001) e Hervieu-Léger (2015). Ela explica que a pós-modernidade ou modernidade tardia, é marcada pela fluidez, pelas incertezas, pelo movimento constante, pela troca das máscaras identitárias, em contraste as características “sólidas” da modernidade, o que possibilita colocar em xeque o passado e o tradicionalismo.

Seguindo esta lógica, ela defende que tais características respingam diretamente no aspecto religioso, uma vez que muito tem se discutido sobre a secularização das Igrejas. Portanto, contribui para que o poder religioso seja dissolvido frente à perda de dominação hegemônica, em paralelo ao fortalecimento e crescimento da autonomia das ciências. Tal fato, reverbera diretamente na formação identitária dos/as jovens, caracterizada “pelas diversidades existentes no modo de ser jovem, marcada pela cultura, sociedade e aspectos históricos e, portanto, como juventudes” (SOUZA, 2020, p. 28).

Dentre os aspectos que marcam a formação das juventudes, a autora reitera que o espaço religioso tem o seu papel construtivo na vida deles e delas, já que permite a sociabilidade e a troca de experiências. É por essas razões que a participação em uma determinada comunidade e a declaração “faço parte desta comunidade”, gera neste/a jovem um sentimento de pertencimento e agrupamento. É no meio deste entrevero de pluralidade e complexidade, que Souza (2020) sublinha o surgimento progressivo de movimentos católicos, como o Movimento de Renovação Carismática, o qual tenta dar conta da manutenção da tradição católica, em paralelo à tentativa de implantação de novas dinâmicas neste espaço que atendam as demandas da pós-modernidade.



Em continuidade ao Capítulo I, no segundo subtópico intitulado “Igreja Católica e homossexualidades: ambiguidades do pensamento religioso”, o objetivo é tratar de algumas concepções da Igreja Católica que tangem as homossexualidades. Ancorada em estudos historiográficos, como os de: Mott (2006) e Reinke (2017), a autora mostra que, historicamente, houve um fortalecimento progressivo da noção de homossexualidade como pecado. Isso aconteceu principalmente nos primeiros séculos da alta Idade Média, ainda que sanções anteriores já indicassem pensamentos e atitudes homofóbicas. No Brasil, a invasão dos/as portugueses/as trouxe a homofobia em suas caravelas, que era parte do projeto de colonização. Com o estabelecimento dos Tribunais do Santo Ofício, ficou estabelecido que as relações supostamente “contra a natureza” estariam passíveis de condenação, como a morte na fogueira. Mesmo após o fim dos tribunais eclesiásticos, ainda no Período Imperial (1822-1889), as homossexualidades continuavam a ser consideradas práticas profanas.

Partindo, sobretudo, dos estudos em Ciências da Religião do teólogo Edênio Valle (2014), Souza (2020) defende que o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o evento que representou um marco no afrouxamento da rigidez católica sobre as homossexualidades, a exemplo da ideia de substituição do “rigor doutrinário pelo acolhimento pastoral” (SOUZA, 2020, p. 36). Entretanto, a autora pondera que esta postura não significou propriamente uma mudança de valores, pelo contrário, trata-se de acolher sujeitos/as homossexuais, mas permanecer rígido/a à defesa da família aos moldes patriarcais. Exemplo disto, é que em 1975, ao referir-se à homossexualidade como uma “tendência transitória”, a Igreja Católica dava abertura à possibilidade de “cura gay”. Por fim, a autora reitera que, apesar de manter uma postura contrária a práticas discriminatórias contra homossexuais, até hoje a Igreja Católica permanece discursando que é totalmente contrária à vivência da homossexualidade, ou seja, “pode ser, só não pode praticar”.

Já no terceiro e último subtópico do Capítulo I, a autora dedica-se a apresentar a comunidade religiosa e o projeto investigado: “A nova comunidade católica Fraternidade O Caminho e o Projeto Aprisco como uma iniciativa voltada para homossexuais”. Neste ponto, Souza (2020) nos mostra que a comunidade católica “Fraternidade O Caminho” foi fundada em 2001, pelo Padre Gilson Sobreiro de Araújo. Sua iniciativa era de acolhimento de jovens dependentes químicos/as,



sob os moldes de espiritualidade Franciscana, que aspiram pobreza e fraternidade. Hoje, esta comunidade está espalhada por 80 casas, em 14 países.

Dentre as atividades realizadas pela comunidade, existem diversos projetos já estruturados e conhecidos, como pastorais de missão (projetos voltados a dependentes químicos/as, prostitutas, pessoas empobrecidas, aprisionados/as, jovens e crianças). Além disso, existem projetos que ainda não estão consolidados, é o caso do Projeto Aprisco, fundado pelo Padre Gilson Sobreiro, na cidade de Campo Mourão, PR, após tomar conhecimento do suicídio de uma das jovens integrantes da comunidade católica, tragédia que foi motivada por conflitos oriundos de sua sexualidade.

O Projeto, iniciado em 28 de dezembro de 2016, opera em encontros formativos (a cada quinze dias) em que se discutem temas relacionados à vivência da fé católica e sexualidade; e encontros espirituais (uma vez ao mês), que consistem em momentos de adoração e participação em atividades da Igreja. É justamente neste ponto que a autora expõe alguns excertos da entrevista realizada com o Padre fundador da comunidade e do Projeto. Ele explica que o projeto visa a estabelecer um diálogo entre os/as jovens homossexuais e a Igreja, só que não mais sob o prisma do pecado e da condenação, mas do diálogo e do acolhimento. Em um dos excertos, Souza (2020, p. 49) expõe: “[Padre Gilson afirma, assim, que] os objetivos do projeto são, em primeiro lugar, para que ‘nenhum jovem morra mais por ser homossexual, [e] segundo, para que ele não associe a sua homossexualidade à compulsão sexual, a relações de pura genitalidade” (informação verbal)¹.

“Ser católico/a e homossexual: noções teóricas e trajetórias de vida dos sujeitos da pesquisa” é o nome do segundo capítulo da dissertação, também dividido em três subtópicos e com o objetivo de discutir conceitualmente gênero, sexualidade e identidade. Além disso, ele introduz as trajetórias biográficas de cada uma/um dos/as participantes da pesquisa. No primeiro tópico, intitulado “Gênero, sexualidades e identidade: uma aproximação aos conceitos”, a autora explica que o movimento feminista foi o grande impulsionador dos debates em torno da desnaturalização das desigualdades entre homens e mulheres.

¹ Pe. Gilson Sobreiro, em entrevista concedida em 2018 à Souza (2020).



Para discorrer esta explanação, ancora-se, principalmente, nas produções teóricas de Louro (2000), Joan Scott (1995) e Foucault (1988), a fim de apresentar como o conceito de gênero diz respeito aos significados construídos social e culturalmente sobre “ser homem” e “ser mulher”. Conceitos esses atribuídos de acordo com as anatomias biológicas, concomitantemente atravessado por relações de poder, de dominação, subordinação e organização social. Quanto às sexualidades, ela explica que se refere ao desejo e às práticas sexuais, que também passam pelo crivo da construção e da aprendizagem sociocultural. Tais aprendizagens estabelecem fronteiras da (a)normalidade, por isso tendem a excluir, segregar e/ou discriminar sujeitos/as desviante da(s) norma(s) heterocentrada(s).

No segundo tópico do Capítulo II, intitulado “Homofobia no Brasil: o preconceito que ceifa vidas”, o objetivo é apontar as experiências que pessoas homossexuais sofrem no Brasil atualmente e a necessidade do engendramento de políticas públicas para proteção desta comunidade. A autora apresenta dados que colocam o Brasil como um dos países mais violentos para pessoas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais) no mundo, dados estes, coletados pelo Grupo Gay da Bahia (2018), Ministério da Saúde e da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2019). A presença de tais dados, corroboram a necessidade de olhar como a população LGBT é uma das mais vulneráveis, pois sofre uma série de violações em relação aos direitos humanos. Isso evidencia a urgência de políticas públicas que garantam a segurança e integridade deste grupo. Para a autora, entender como vivemos em um país culturalmente homofóbico, violento, machista e sexista, deve ser levado em conta, uma vez que são aspectos que constantemente perpassam as trajetórias dos/das participantes de sua pesquisa.

A autora conclui o segundo capítulo com o tópico “‘Jesus Bom Pastor, somos ovelhas do teu Aprisco’: biografia dos/as participantes da pesquisa”, no qual se dedica à realização de uma breve biografia de cada uma/um das/dos entrevistadas/os. Ela perpassa: suas atividades profissionais, constituição familiar, experiências sexuais e religiosas, tendo em vista que se constituem como aspectos fortemente ligados às identidades desses sujeitos e, dessa forma, nos dão subsídios para compreender aspectos de suas vivências e compreensões” (SOUZA, 2020, p. 66).



De modo geral, todos/as são jovens, que vivenciam relações homossexuais, têm idade entre 22 e 30 anos, sendo cinco mulheres e dois homens. São católicos/as, todos/as inseridos/as no mercado de trabalho, apenas um não está no Ensino Superior, e seis são brancos/as e dois/duas são negros/as. Os nomes utilizados para preservação do anonimato dos/as entrevistados/as são pseudônimos escolhidos por eles/as, sendo: Bruno, Patrícia, Flávia, Thiago, Marcela, Vanessa, Henrique e Amanda. Dito isso, a autora apresenta um pouco da trajetória de cada uma/um delas/es até o momento que culminou do/a mesmo/a na entrada no Projeto Aprisco.

No terceiro e último capítulo intitulado “A construção da identidade sexual e o Projeto Aprisco como espaço de ressignificação e instância de regulação das sexualidades”, a autora analisa as entrevistas realizadas com as/os jovens do Projeto Aprisco. A organização dos dados de análise foi realizada em três eixos. O primeiro eixo, intitulado “Relacionando conceitos e biografias: gênero, sexualidades, identidade e os membros do Projeto Aprisco”, tem o objetivo de relacionar as histórias dos/das participantes com os conceitos de gênero, sexualidade e identidade, mostrando as problemáticas para vivenciar as identidades “ilegítimas” ou não-heterocentradas. Logo, a autora analisa, fundamentada em Maranhão Filho (2015), Louro (2000) e Castells (1999) que, apesar de ser uma iniciativa inclusiva, tal inclusão ocorre a partir de dispositivos regulatórios. Esses dispositivos giram em torno dos padrões binários de gênero e da heterossexualidade, balizado por códigos e normas que definem o lugar do feminino e do masculino.

Apesar de terem suas sexualidades acolhidas, a vivência delas é possível dentro de alguns limítrofes da religião, como a abdicação de certas práticas em prol da religiosidade, não levantar a bandeira do orgulho LGBT, a adoção de um relacionamento somente aos moldes monogâmicos, sendo que nenhum/a dos/as parceiros/as pode se relacionar com outra pessoa. A autora observa nos relatos dos/as entrevistados/as, que não gostariam de ter a sua identidade exclusivamente marcada pelo reconhecimento da homossexualidade, ou seja, “eles/as buscam a invisibilidade, que é privilégio da homogeneização da ‘normalidade” (SOUZA, 2020, p. 83). Com isto, para os/as membros/as do Projeto Aprisco, se estabelece um padrão de identidade ideal: católico/a, homossexual, fiel aos valores do catolicismo em sua vida e nos relacionamentos, o que lhe dá certo “passaporte de passibilidade”, pois carrega em si padrões em torno do desejável e de privilégio.



No segundo eixo intitulado “Coming out: o processo de construção da identidade sexual dos/as integrantes do Projeto Aprisco”, é analisado o processo de anúncio/revelação da identidade sexual para a sociedade e o núcleo familiar. A autora nota que existem estratégias defensivas como formas de compensação da sexualidade, ou seja, a busca por compensar em outros aspectos da vida para superar o estigma da homossexualidade, a partir das relações sociais, dentro do trabalho, dos estudos etc.; para que a sexualidade fique em segundo plano.

Além disso, também é percebido por Souza (2020) uma espécie de “vida dupla”, caracterizada por uma vivência que transita concomitante entre a hetero e a homossexualidade. Ela opera a partir da visibilização de uma identidade supostamente heterossexual frente à família e à sociedade, mas também no contato afetivo-sexual com parceiros/as do mesmo gênero, de forma velada, a fim de suprir suas necessidades. Por fim, também são analisados os processos de “negociação” para a vivência da sexualidade, que dizem respeito ao “ser homossexual”. Entretanto, de forma limitada, a partir do estabelecimento de alguns parâmetros em relação a: como se expressar, em quais espaços é ou não é permissível deixar explícito o seu relacionamento, quando e como falar sobre isto etc.

No eixo seguinte intitulado “Família e orientação sexual: implicações das sexualidades na construção das relações familiares”, a autora analisa o processo de “coming out” frente às relações familiares dos/as participantes e opera este conceito a partir dos estudos em psicologia de Frazão e Rosário (2008) e Nascimento e Scorsolini-Comin (2018). As entrevistas revelaram “a presença de conflitos resultantes de uma sociedade permeada por crenças, pressupostos religiosos e construções sociais em torno da heteronormatividade” (SOUZA, 2020, p. 92). Entendendo que o caminho para a revelação da homossexualidade é árduo e gradual, difícil para o indivíduo e para os/as familiares, é recorrente que por meio de violência psicológica, os/as pais/mães tentem adequar o/a filho/a à norma hegemônica.

Outro ponto percebido pela pesquisadora é o afastamento emocional e, por vezes, social, entre pais, mães e filhas/os, que estabelece uma dissonância: por um lado há o afeto que sentem pelas/os filhas/os e, por outro, a rejeição oriunda da homofobia internalizada. Esta



dissonância produz uma espécie de “sensação de desligamento”, proveniente deste afastamento conflituoso com o seio familiar.

O último eixo de análise intitulado “Os impactos da religião na construção da identidade sexual”, discute as compreensões dos/as entrevistados/as frente às posições da Igreja Católica em relação à homossexualidade e ao Projeto Aprisco. Nos relatos dos/as jovens, Souza (2020) destaca que as experiências anteriores ao projeto revelam que a trajetória destas pessoas é marcada por discursos religiosos excludentes, de anormalidade e tentativas de “cura gay”. Além disso, ao assumirem sua sexualidade e seus relacionamentos, é comum que estes/as sujeitos/as tenham a legitimidade de sua identidade cristã questionada, como bem é corroborado pelos estudos de Busin (2011), Leite (2016) e Natividade (2010), com quem a autora dialoga.

Sobre o Projeto Aprisco, Souza (2020) reconhece que, apesar desta ser uma iniciativa direcionada à inclusão de pessoas homossexuais, tal fato não anula a existência de preconceitos dentro da comunidade de fiéis. Muito embora haja constante questionamento sobre a real necessidade desta iniciativa ou até mesmo a desaprovação de uns/umas e outros/as. Para a autora, o que sustenta a permanência deste projeto é a postura do Padre fundador da comunidade, quem legitima a plausibilidade deste espaço. Em outras palavras, o reiterado discurso do Pa. Gilson Sobreiro é o que lhes dá certo grau de segurança, conforto e incentiva para que o Projeto Aprisco continue (r)existindo, fazendo com que poder pastoral desempenhe “um papel de controle, que garante a subsistência do grupo” (SOUZA, 2020, p. 108).

Por fim, as “Considerações finais” apresentam os principais resultados alcançados pela investigação, que podem ser assim sintetizados:

Apesar do Projeto Aprisco ser direcionado às pessoas homossexuais da Comunidade Fraternidade O Caminho, com as entrevistas, a autora notou uma nuance muito maior em relação às sexualidades das/dos participantes, sendo a “prática/relação homossexual” a identidade predominante no grupo. Assim, os/as sujeitos que participam do projeto, têm relações homossexuais, mas não podem ser caracterizados/as diretamente e apenas como homossexuais.

Existe um processo veemente de compensação da sexualidade que se sobrepõe, principalmente, em relação ao trabalho e à vida acadêmica, sendo comum o desenvolvimento de



negociações da sexualidade durante a construção da identidade sexual-religiosa. Os/As jovens têm a tática de, inclusive, cogitar a bissexualidade como forma de driblar os preconceitos e aproximar-se de um padrão socialmente mais aceito.

O afastamento familiar decorrente da desaprovação da sexualidade do/a filho/a é gerador de sentimento de culpa, levando, inclusive, a automutilação e/ou ideias suicidas. Entretanto, a reaproximação familiar posterior, decorrente da preocupação dos/as pais/mães ao ver o/a filho/a sendo alvo de preconceito social, tendem a levar a uma ressignificação do núcleo familiar e o fortalecimento dos vínculos afetivos.

O Projeto Aprisco configura-se como um espaço que ressignifica as experiências de exclusão e silenciamento da sexualidade, substituindo o medo pela oportunidade de um lugar de fala e a legitimação de sua identidade sexual e religiosa. Entretanto, a pesquisadora frisa que, apesar disto, o discurso do acolhimento também pode significar a regulação dos corpos, uma vez que também a comunidade atua moldando, controlando e “estabelece quais são os comportamentos adequados para um/a homossexual católico/a” (SOUZA, 2020, p. 117).

Por fim, consideramos que a pesquisa “‘A boa nova também é para mim’: novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco” é um estudo fundamental atualmente. Consequentemente, vai ao encontro das discussões mais recentes em torno da presença de sujeitos/as LGBT em espaços religiosos, de modo mais específico, no contexto católico. Além disso, Souza (2020) oportuniza voz e traz à tona os/as protagonistas de uma das iniciativas recentes que, por sua vez, nos evidencia de que modo as sexualidades não-heterocentradas têm provocado tensões e feito a Igreja Católica repensar este espaço, bem como suas práticas e discursos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). 99% da população LGBTI não se sente segura no Brasil: direitos e política, violência. 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2019/05/21/99-da-populacao-lgbti-nao-se-sente-segura-no-brasil/>. Acesso em: 24 abr. 2022.



BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidades e gênero. *Rever*, São Paulo, ano 11, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2011.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

FRAZÃO, Pedro; ROSÁRIO, Renata. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 1, n. 26, p. 25-45, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e trélicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). *População LGBT morta no Brasil: relatório GGB 2018*. Salvador, 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEITE, Alexandra Ribeiro. Homens católicos com práticas homossexuais: o lugar da religião na produção de sentidos. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 5, n. 2, p. 33-42, out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. "Convertendo" categorias: de identidades de gênero a identidades religiosas, de transgeneridades a trans-religiosidades. *Fronteiras & Debates*, Macapá, v. 2, n. 2, p. 53-70, jul./dez. 2015.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTT, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 509-521, maio/ago. 2006.

NAJMANOVITCH, Denise. *O sujeito encarnado: questões para pesquisa no cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, jul./set. 2018.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010.

RAYNAUT, Claude. Os desafios contemporâneos da produção do conhecimento: o apelo para interdisciplinaridade. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 1-22, jun. 2014.

REINKE, Carlos Augusto, SCHEMES, Claudia; MAGALHÃES, Magna Lima; KESKE, Henrique Alexander Grazi. Homossexualidade masculina e suas marcas históricas. *Métis: história e cultura*, Caxias do Sul, v. 16, n. 31, p. 275-290, jan./jun. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUZA, Alessandra dos Reis. “A boa nova também é para mim”: novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco. 136 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento) – Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, Campo Mourão, PR, 2020.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 97-107, 2004.





SOBRE A AUTORIA

JEAN PABLO GUIMARÃES ROSSI

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Mestre em Sociedade e Desenvolvimento pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento - PPGSeD (2020). Especialista em Desenvolvimento e Aprendizagem nos Anos Iniciais da Educação Básica pela UNESPAR/Campus de Campo Mourão (2019). Bacharel em Psicologia pela Faculdade União de Campo Mourão - UNICAMPO (2016). Atualmente é professor da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR/Campus de Campo Mourão, nos cursos de Geografia, História e Ciências Contábeis e Coordenador do Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDH) desta mesma instituição. Membro do NUDISEX (Núcleo de Pesquisas e Estudos em Diversidade Sexual) da UEM/Maringá. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura - GEPEDIC, da UNESPAR/Campo Mourão. Atualmente dedica-se e tem interesse nas pesquisas relacionadas aos seguintes temas: estudos feministas; estudos foucaultianos; formação docente para educação em sexualidade; gênero, sexualidade e religião; psicologia escolar e educacional; psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

ELIANE ROSE MAIO

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (1984), Mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis (2002), Doutorado em Educação Escolar - UNESP/Araraquara (2008), Pós-doutorado em Educação Escolar na UNESP/Araraquara, com a temática da Trajetória da Educação Sexual no Brasil. É professora da Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPE), Mestrado e Doutorado. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: psicopedagogia, aprendizagem, sexualidade, gênero, diversidade sexual e educação em sexualidade. Realizou um estágio na Universidade de Alcalá, em Guadalajara - Espanha, como bolsista da Fundación Carolina, com um projeto sobre Formação Docente e Gênero. Professora do Mestrado e Doutorado em Educação - PPE, UEM. É vice-coordenadora do GT23: Gênero, Sexualidade e Educação, da ANPEd (2022-2024). É líder do grupo de pesquisa CNPq, intitulado Núcleo de Pesquisa e Estudo em Diversidade Sexual - NUDISEX. Autora dos livros: 1) O NOME DA COISA, fruto da tese de Doutorado, 2) VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇA: contributos para a formação docente. 3) GÊNERO, DIREITOS E DIVERSIDADE SEXUAL: trajetórias escolares (Org.); 4) OBSERVATÓRIO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO: entre políticas públicas e práticas pedagógicas (Org.), 5) Educação, saúde, gênero e sexualidade: diálogos possíveis (Org.), 6) Educação, gênero e feminismos: resistências bordadas com fios de luta (Org.). 7. Gênero e Sexualidade; interfaces educativas (Org.) 8) Gênero, sexualidades e diferenças: categorias de análises, (des)territórios de disputas e 9) Gêneros e Sexualidades: 10 anos de luta do NUDISEX (Org.). 10) Gênero, Sexualidade e Religião: diálogos em Espaços Plurais (Org.); 11) Diversidade Sexual e Identidade de Gênero: direitos e Disputas; 12) Empoderamento de meninas e para meninos (Org.).



ROSSI, J. P. G.; MAIO, E. R.
Homossexualidades católicas
| Resenha

Submissão: 19 de outubro de 2021
Avaliações concluídas: 19 de abril de 2022
Aprovação: 11 de maio de 2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

ROSSI, Jean Pablo Guimarães; MAIO, Eliane Rose. Resenha da dissertação de mestrado “A boa nova também é para mim”: novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 22, n.2, p. 01-15, jul./dez., 2022. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>